

O ESPAÇO URBANO NA CRÔNICA “VIADUTOS” DE DRUMMOND

¹Leíza Maria Rosa

A intenção deste estudo é relatar como o espaço urbano apresenta-se no texto “Viadutos”, de Carlos Drummond de Andrade. Trata-se de uma toponálise, termo proposto anteriormente por Bachelard (1989), mas aqui discutido de acordo com as considerações de Borges Filho (2007). Para este autor, a toponálise “é a investigação do espaço em toda a sua riqueza, em toda a sua dinamicidade na obra literária” (BORGES FILHO, 2007, p. 33).

O texto analisado é uma crítica social sobre a condição econômica de uma parcela da população urbana, muitas pessoas sobrevivem nas ruas, dormindo embaixo de viadutos e fazendo desses locais suas casas. O texto em questão, uma crônica, é composto de um diálogo entre dois moradores de rua. Eles discutem a organização dos viadutos por parte dos ocupantes, uma ironia representada na linguagem das personagens ao fato de que, morar sob um viaduto passou a ser uma situação tão comum nas grandes cidades, que esses locais são tratados como propriedades privadas de quem ali vive.

Vale ressaltar que, o espaço tem tanta importância no texto, a ponto de tornar-se protagonista, o assunto de toda a discussão, a começar pelo título “Viadutos”. Tomamos como espaço neste estudo, os locais citados pelas personagens ao longo da conversa, o espaço da narrativa e não o ponto em que se encontram quando conversam, o espaço da narração.

O texto “Viadutos”, segundo os estudos de Borges Filho (2007) apresenta microespaços, locais menores e não de grande proporção contidos no cenário urbano, ou seja, que sofreram intervenção do homem. Além disso, o espaço é politópico, ao passo que trata-se de vários e não apenas um.

O início do texto é diretamente o início do diálogo: “– Endereço do colega? – Viaduto São Sebastião, pilastra n.º 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Apareça por lá” (ANDRADE, 1975. p. 19).

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.
leiza.rosa@hotmail.com

Nota-se que, este espaço é realista, o viaduto se localiza na cidade do Rio de Janeiro e se tornou uma casa de moradores de rua, fica no Centro do Rio, a Avenida Presidente Vargas é uma das principais na região. A presença do espaço realista no texto pode ser uma tentativa de demonstrar que o problema urbano exposto também é realista, inclusive o recurso de coordenada espacial neste trecho, pode servir para demonstrar a superpopulação no viaduto, sendo necessário ao morador especificar o “endereço”, com o número da pilastra e o lado ocupado, para ser de mais fácil localização.

Há referência ao lado esquerdo no endereço da personagem. De acordo com Borges Filho (2007), ao citar Clark (1973), a predominância pelo lado direito existe na cultura ocidental, ao lado esquerdo cabe conotações como o lado do mal, o errado, por isso menos valorizado. Há nessa referência a coordenada espacial da lateralidade, como propõe Borges Filho (2007), bem como a coordenada espacial da verticalidade, ao passo que os moradores moram sob o viaduto, por si só um local abaixo do nível da rua, inferior às demais casas, portanto, os moradores são também inferiores.

Dentre as funções do espaço na narrativa, propostas por Borges Filho (2007), no texto analisado é possível identificar algumas. No trecho acima e no próximo, o espaço tem função de caracterizar as personagens situando-as no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem. A indicação de morar num viaduto já representa personagens de classe econômica baixa, que não têm uma casa decente para morar, de pouco grau de instrução, alheias aos acontecimentos do mundo e expostas aos desafios e perigos de viver nas ruas. Há ainda a função de situar as personagens geograficamente.

- Ótimo. Vou aparecer, mas agora não. Estou de mudança.
- Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?
- Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuo um na cidade. (ANDRADE, 1975. p. 19)

Nota-se que a personagem afirma que mora num viaduto, mas prefere procurar um mais bem localizado. O viaduto de Japeri também é um espaço

realista, Japeri é um município na região metropolitana do Rio de Janeiro, aqui tratado como um local afastado do Centro. Comprova-se, assim, a tese de que a personagem quer uma moradia mais centralizada. Neste trecho encontramos a coordenada espacial da centralidade, quando a personagem manifesta o desejo de se deslocar para a metrópole e a coordenada espacial da prospectividade, quando afirma que o local onde mora é longe (do centro metropolitano), procura um mais próximo.

Mais adiante uma personagem pergunta à outra se aquela já experimentou morar em Botafogo. Novamente espaço realista, Botafogo é um bairro nobre da zona sul do Rio de Janeiro, a mostrar que esta é uma opção de nova moradia, sempre destacando a ironia do texto, em que as personagens conversam sobre viadutos como se referissem à casas, neste caso, a “casa” seria bem valorizada, pois se trata de um bairro de classe média alta.

– Fui eu que inaugurei. Era uma habitação deliciosa, aliás duas, com vista panorâmica, banho de mar em frente, etc. Mas sabe o que aconteceu: estragaram aquilo, botaram jardins, espelhos d’água... (ANDRADE, 1975. p. 19).

Nesta passagem observa-se a presença dos conceitos propostos por Bachelard (1989), topofilia e topofobia. O espaço antes era topofílico à personagem, causava-lhe sensação boa, aconchego e proteção; depois, com a intervenção do homem, que construiu no local jardins e espelho d’água, o espaço se tornou desagradável, passou a ser topofóbico à personagem.

Mais uma vez reforça a ironia, a personagem fala do viaduto como se referisse à uma mansão, uma vez que imóveis com vista panorâmica e de frente para o mar no Rio de Janeiro assumem status de classe média alta e bem valorizadas.

– Espelho d’água, vá lá, serve para a toailete. Mas o jardim...
– Jardim não é bom para secar a roupa?
– Em tese. Mas há sempre um guarda querendo defender as plantas, implicando com os moradores.” (ANDRADE, 1975. p. 19).

Observa-se o uso subversivo do espaço, o espelho d'água usado para higiene pessoal, demonstrando características da personagem, como a simplicidade, a ignorância, a ponto de se lavar num local que serve apenas para apreciação. Também o uso indevido do jardim para secar roupa e não para ratificar a importância da implantação de áreas verdes na cidade.

- Os viadutos estão difíceis.
- É, ouço dizer. Mesmo havendo tantos por aí?
- Todos lotados. [...] E os viadutos tornam-se inabitáveis, ficam iguaizinhos aos edifícios, o que, francamente, caro colega, não é vantagem. (ANDRADE, 1975. p. 19-20)

Neste trecho as personagens discutem a condição dos viadutos, lotados, dificultando a convivência e organização do local, sendo para as personagens, suas casas, sua zona de conforto, com a superlotação deixa de ser. Nota-se que uma das personagens acredita que, assim, os viadutos ficarão como os edifícios, como se estes fossem moradias inferiores aos que elas ocupam. Mais adiante uma das personagens cita um colega com quem divide a moradia, o Vai-por-Mim: “– Não tenho queixa dele. Só que anda com mania de jogar na Bolsa, nosso viaduto está cheio de balancetes, prospectos, gráficos. Tenho medo que ele fique rico” (ANDRADE, 1975. p. 20).

Observa-se aqui, a caracterização do espaço que é um reflexo da personagem, já que está com a mania de investimentos econômicos, o local em que vive está cheio de documentos como gráficos e balancetes, provavelmente encontrados no lixo. A personagem é caracterizada como alguém que tem meios para investir na Bolsa de Valores, mas na verdade, é um simples morador de rua, desprovido de renda financeira para tal atividade.

Também neste trecho, é possível perceber que a espacialização do texto, como propõe Osman Lins (1976) se faz de forma reflexa, os espaços são percebidos através das personagens, dando um efeito predominante de subjetividade à descrição, sob o ponto de vista das mesmas. A espacialização no texto se faz ainda de forma moderada, contendo indicações mínimas dos espaços, estes não são descritos com abundância de detalhes, apenas são

citados como viadutos. A espacialização é também panorâmica, já que o texto nos dá indicações gerais, sem mais detalhes.

No desfecho do texto, a crítica é explícita, ao citar a personagem Vai-por-Mim como um ganancioso, que quer tirar proveito de uma situação, aliás, o nome é, neste caso, um indicador da prepotência e ganância, uma referência ao modo de se comportar da personagem, alguém que quer convencer os outros de que sua ideia é melhor, tentando sempre tirar vantagem disso:

- Ele sonha em descobrir jazida de tório em Japeri, para fundar o Banco Nacional de Habitação em Viadutos, Pontes e Congêneres. [...] Ficando rico, a primeira coisa que vai fazer é cobrar aluguel nos viadutos.
- Os viadutos são do Estado.
- E daí? Até o Estado perceber, ele já dobrou a fortuna. O colega desculpe, mas isso é safanagem. (ANDRADE, 1975. p. 20)

Uma função percebida aqui é a de o espaço influenciar as personagens e também sofrer suas ações. Já que a situação é morar num viaduto, que haja proveito disso, formando uma instituição para organizar as moradias de rua e cobrar aluguel dos moradores. Aqui o aparece um neologismo, “safanagem” talvez uma mistura de safadeza com sacanagem, uma ênfase na linguagem popular presente em todo o texto, no dialeto que vem das ruas.

Há, neste trecho também, a função espacial de representar os sentimentos vividos pelas personagens, nota-se que as mesmas estão insatisfeitas com os locais onde vivem, reclamam da modificação dos espaços dos viadutos, reclamam que estão lotados e que isso leva à ausência de sossego e à desorganização. Para concluir, novamente a ironia:

- [...] A socialização dos viadutos, uma cadeia nacional de Hilton dos homens e mulheres independentes... Viadutos bem funcionais, o abrigo ao alcance de todos... Um problema social que se resolve... (ANDRADE, 1975. p. 21)

Como se, cobrando aluguel e organizando inquilinos nos viadutos, o problema social que é a falta de moradia, fosse se resolver. Aproveitou-se de

um problema real para ironizar o descaso com que este é tratado, como se morar sob um viaduto fosse normal e digno, ao passo que não o é.

Num texto em que o espaço está presente desde o título, as funções aparecem claramente, é quase possível dizer que as personagens são usadas como coadjuvantes de um protagonista principal, o espaço, aqui representado pelos viadutos. É a partir desse cenário que se tece a crítica de todo o texto. É através das indicações do espaço pelas personagens que aparecem os efeitos de sentido que o texto pretende atingir, principalmente a ironia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Viadutos. In.: **De notícias e não notícias faz-se a crônica**: histórias diálogos e divagações. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 19-21.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão, 2007.

CLARK, Herbert H. **Space, time, semantics and the child**. New York: Academic, 1973.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.